

# A “Surdez” e o “Lixo” podem ser “Extraordinários”:

a Escola Aprendendo com as Diferenças

Cristina B. F. de Lacerda

Nelma Cristina de Carvalho Francisco

Patrícia Moraes Teberga de Oliveira

Patrícia Regina Infranger Campos

Guilherme Silva de Oliveira

**Como citar:** LACERDA, C. B. F; FRANCISCO, N. C. C; OLIVEIRA, P. M. T; CAMPOS, P. R. I; OLIVEIRA, G. S. A “Surdez” e o “Lixo” Podem Ser “Extraordinários”: a Escola Aprendendo com as Diferenças. *In:* GIROTO, C. R. M; MARTINS, S. E. S. O; BERBERIAN, A. P. (Org.). **Surdez e Educação Inclusiva**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 119-132. DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-315-1.p119-132>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# A "SURDEZ" E O "LIXO" PODEM SER "EXTRAORDINÁRIOS": A ESCOLA APRENDENDO COM AS DIFERENÇAS

*Cristina B. F. de Lacerda*

*Nelma Cristina de Carvalho Francisco*

*Patrícia Morais Teberga de Oliveira*

*Patrícia Regina Infanger Campos*

*Guilherme Silva de Oliveira*

## INTRODUÇÃO

A educação de surdos é tema polêmico, desde seus primórdios. A língua de sinais é sabidamente língua de constituição de sujeitos surdos e, quando é assumida nos espaços educacionais, favorece um melhor desempenho dos alunos surdos. Prós e contras das propostas de educação de surdos não se restringem ao direito linguístico – contato com pares usuários da mesma língua; abordagem metodológica; atuação de profissionais bilíngues entre outros – mas se ampliam para as condições concretas de implementação dessas mesmas propostas, nas práticas educacionais. Nesse contexto, destacam-se experiências de inclusão de alunos surdos em escolas regulares que aceitam o desafio de organizarem-se como escolas bilíngues, nas quais a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o Português na modalidade

escrita sejam consideradas línguas de instrução e os alunos surdos possam se constituir sujeitos, a partir de ambas as línguas.

O objetivo deste artigo é discutir acerca de uma experiência de educação inclusiva de alunos surdos, na qual os princípios de direito linguístico, cidadania e interdisciplinaridade estiveram presentes. A experiência foi desenvolvida em uma escola de Ensino Fundamental, de uma cidade de grande porte do Estado de São Paulo, focalizando atividades realizadas nas séries finais desse nível, envolvendo aproximadamente 120 alunos ouvintes e surdos. Essa escola vem trabalhando em uma proposta inclusiva bilíngue há 4 anos. O tema Solidariedade foi trabalhado de uma maneira interdisciplinar, nas disciplinas curriculares de História, Português e Libras, em turmas nas quais estavam presentes alunos surdos e ouvintes, professor regente, professor surdo e intérprete de Libras. Como estratégia pedagógica, foi utilizado o documentário “Lixo Extraordinário”, assumindo a visualidade como forma privilegiada de trabalho com alunos surdos e ouvintes em contexto inclusivo. Foram criadas condições para uma aprendizagem adequada e consequente, além de possibilitar uma experiência amplamente inclusiva: entre alunos surdos e ouvintes, entre escola e comunidade, entre espaço escolar e bens culturais – favorecendo uma compreensão da questão da solidariedade no campo complexo da inclusão social. Esperamos que essa experiência possa indicar caminhos possíveis de um atendimento educacional de qualidade para essa comunidade.

### **A EDUCAÇÃO “NEM SEMPRE” BILÍNGUE DE SURDOS**

A educação de surdos é tema polêmico desde seus primórdios, e este fato por si só nos indica a complexidade do problema a ser enfrentado. A língua de sinais é sabidamente a língua de constituição de sujeitos surdos e, quando ela é assumida nos espaços educacionais, o desenvolvimento e desempenho dos alunos surdos são significativamente melhores no confronto com experiências em espaços nos quais essa língua não está presente.

Todavia, os prós e contras das propostas de escolas de surdos e da educação inclusiva não se restringem aos aspectos ideológicos implicados: direito linguístico, contato com pares usuários da mesma língua, abordagem metodológica adequada, atuação de profissionais bilíngues entre outros,

mas se ampliam para as condições concretas de implementação dessas mesmas propostas, nas políticas governamentais, e nos modos como essas políticas são conduzidas pelos gestores, professores e comunidade escolar.

Assim, nesse contexto, destacam-se situações de experiências de inclusão de alunos surdos em escolas regulares que aceitam o desafio de se organizarem como escolas bilíngues: Língua Brasileira de Sinais/Português, nas quais são desenvolvidas ações pedagógicas coerentes com os princípios de uma Educação Bilíngue para Surdos (LODI; LACERDA, 2009), caminhando em direção a uma Educação de Surdos de qualidade.

É a questão do acesso à língua de sinais que é premente no atendimento educacional à criança surda. Qualquer atendimento educacional a ser oferecido aos alunos surdos precisa considerar sua condição linguística e oferecer a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como forma de acesso. Contudo, nem sempre isso é observado, em várias experiências escolares e de atendimento educacional especializado (AEE), seja ele no formato de salas de apoio, de acompanhamento à inclusão no apoio aos professores regentes, de salas de recursos multifuncionais ou outros, em cujas salas atuam profissionais com domínio parcial de Libras e sem condições de oferecer acesso adequado aos conhecimentos nessa língua aos alunos com surdez (LEBEDEFF, 2010; QUADROS, 2006).

Os alunos surdos em número crescente (MELETTI; BUENO, 2010) têm frequentado escolas regulares em classes de alunos ouvintes, sendo chamados de “surdos incluídos”. Infelizmente, nesses contextos, na maioria dos casos, o aluno surdo é tratado como se ouvinte fosse, devendo acompanhar os conteúdos preparados/pensados para alunos ouvintes, sem que qualquer condição especial seja propiciada para que sua aprendizagem aconteça.

Nesse sentido, políticas de Educação Especial voltadas ao alunado surdo são fundamentais, porque suas dificuldades de aprendizagem não são inerentes à condição de surdez. Em geral, são secundárias a práticas pedagógicas equivocadas, com propostas educacionais que, embora tenham como objetivo proporcionar o seu desenvolvimento pleno, têm lhes causado uma série de limitações – por não considerar sua condição linguística singular –, insistindo em ensinar os alunos surdos com as mesmas estratégias usadas para alunos ouvintes, e essa abordagem tem

apresentado resultados pouco satisfatórios (SILVA; PEREIRA, 2003; LACERDA, 2006).

Frente a essas pmissas, cabe, portanto, definir o que se compreende no contexto deste artigo como uma escola bilíngue para surdos. Salienta o item II do artigo 22 do Decreto 5.626/2005:

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005).

Assim, nessa escola, além do corpo docente regular preparado para o atendimento educacional a estudantes surdos, estão presentes também intérpretes de Libras, instrutores/professores surdos responsáveis pelo ensino de Libras e professores bilíngues destinados ao ensino de língua portuguesa para surdos como segunda língua, com base nos conhecimentos destes em língua de sinais.

A escola conta com aproximadamente 500 alunos, sendo 30 alunos surdos e os demais ouvintes; nesta experiência, foram envolvidos todos os surdos que frequentavam os anos finais do Ensino Fundamental e seus colegas de turma ouvintes, abrangendo aproximadamente 120 alunos.

Assim, participaram da experiência duas salas de 6º ano, uma sala de 7º, uma do 8º e uma do 9º ano. Nessas salas, o número de alunos surdos matriculados variava de 3 a 6 alunos por turma, as quais contavam – cada uma – com a presença de um intérprete de Libras, durante todo o período letivo. O intérprete é responsável por versar os conteúdos ministrados em português para Libras, e dar voz aos surdos, traduzindo a língua de sinais para o português. Além disso, essas turmas tinham duas aulas semanais de Libras, ministradas por um professor surdo capacitado para tal, que visa a aprofundar o conhecimento de Libras dos alunos surdos e dar a conhecer a Libras aos alunos ouvintes. Desse modo, possibilitavam-se trocas linguísticas entre usuários de Libras, entre usuários de português e entre usuários de Libras e português, com ou sem a necessidade da intervenção dos intérpretes. Enfatiza o projeto político-pedagógico da escola:

Além de nosso trabalho voltar-se para a maior apropriação do domínio dos conhecimentos, temos a preocupação constante com a inclusão de todos os alunos no processo de ensino e aprendizagem com destaque para a inclusão de alunos surdos nas salas regulares de ensino. Também é objetivo de toda escola aprender e ensinar LIBRAS para promover a comunicação entre surdos e ouvintes e fortalecer gradativamente a compreensão de nossa escola como uma proposta bilíngue de ensino. (PROJETO..., 2011).

A escola, em seu planejamento anual, define temáticas a serem desenvolvidas transversalmente pelo conjunto de disciplinas, de modo a favorecer trocas entre as disciplinas e docentes, além de levar os alunos ao aprofundamento de conhecimentos e vivências em certas áreas. Em 2011, o tema transversal escolhido foi “Solidariedade” e, para desenvolvê-lo, alguns professores buscaram materiais que pudessem possibilitar o desenvolvimento visual do tema, optando por trabalhar com o documentário “Lixo Extraordinário” (LIXO..., 2010).

Essa proposta envolveu a professora de História, a professora de Português como segunda língua para surdos e o instrutor surdo de Libras, responsável pelo desenvolvimento de Libras pelos alunos surdos. Outros professores foram convidados, contudo, a adesão efetiva a uma proposta de trabalho interdisciplinar se deu entre esses profissionais.

O foco das atividades, a partir do documentário, apoiava-se no princípio da visualidade como estratégia pedagógica central e visava não apenas à discussão da temática “Solidariedade”, mas também o desenvolvimento de conhecimentos acadêmicos (ampliação do vocabulário em Libras, letramento em Português, aspectos sociais da pobreza; situação de risco de comunidades humanas – catadores de lixo; questões ambientais e propostas de reciclagem de lixo; sustentabilidade; historicidade local e social; além das questões artísticas implicadas na criatividade de transformar lixo em arte).

A proposta permitia ainda criar uma situação educacional na qual cada estudante percebesse a contribuição de seus pares surdos e ouvintes, de seus pares de séries diferentes, em disciplinas diferentes, com base em propostas educacionais novas e desafiantes, assumindo premissas de uma

educação inclusiva, cooperativa e interdisciplinar. Cabe destacar que muito se fala em trabalho colaborativo/solidário entre estudantes, porém, essa colaboração precisa nascer também do trabalho interdocentes, que abrem seus planos de ensino e assumem parcerias, de modo que um determinado conteúdo pedagógico não seja trabalhado apenas em sua disciplina ou de acordo com sua proposta, mas retomado e ressignificado em diferentes disciplinas, por diferentes docentes, favorecendo uma construção conceitual pelos alunos mais ampla, reflexiva e abrangente (FAZENDA, 1991).

Nesse sentido, com os alunos surdos nas aulas de Libras, foi possível trabalhar um conteúdo por meio da Libras, que depois era tratado na disciplina de Português e que se refletia nos debates nas aulas de História. Ao mesmo tempo, tais atividades favoreciam maior criticidade e reflexão, já que argumentos eram retomados por diferentes professores e colegas, em diversos momentos. A produção de conhecimento envolvia a elaboração de textos e leitura em atividades interturmas e interlínguas, conduzindo a uma ampliação de possibilidades de dizer, de modos de argumentação e de compreensão do vivido (LODI; LACERDA, 2009).

Ademais, a situação dos catadores de lixo, como rejeito humano e como possibilidade de criação artística humana, possibilitou uma maior reflexão sobre a realidade local, regional, nacional e mundial, na atualidade, colocando em relação/tensão aspectos socioculturais, construídos historicamente pela sociedade e localmente pelo debate vivenciado pelos próprios alunos. Ações desse porte são respostas aos desafios antevistos pela escola, em seu Projeto Político-Pedagógico:

O maior desafio dos 3º e 4º ciclos volta-se para a integração e a interdisciplinaridade dos diferentes componentes curriculares, pois a preocupação da equipe docente continha focada no aprofundamento dos conhecimentos aprendidos e ensinados. Para tanto, a escola organiza atividades interdisciplinares com frequência e continuidade. (PROJETO..., 2011, p. 6).

## **EXPLORANDO A VISUALIDADE NO ESPAÇO PEDAGÓGICO**

A escola tem sido seguidamente conclamada a atentar para as tendências da chamada Sociedade da Visualidade. Atualmente, os recursos visuais são incontáveis – desde a mídia mais acessível, como a televisão, até

as inúmeras possibilidades de imagem e composição de espaços virtuais propiciadas pelo mundo computadorizado. Os avanços tecnológicos têm reflexos nas práticas educacionais e se mostram presentes, por exemplo, na disciplina de Artes/Educação Artística, com propostas educacionais voltadas para a arte e a cultura visual, com ferramentas e práticas próprias para o desenvolvimento da criatividade plástica e visual; nas disciplinas de ensino de línguas, com investigações de modos de ensino da compreensão e expressão com base na comunicação visual, com uma didática específica; na informática, com a criação de programas pedagógicos que utilizam a tecnologia da computação, explorando a visualidade para a compreensão do próprio espaço virtual, entre outros (CAMPELLO, 2006).

Nessa mesma direção, interessa pensar uma pedagogia que atenda às necessidades dos alunos surdos imersos no mundo visual e que apreendem dele a maior parte das informações para sua construção de conhecimento. Para os sujeitos surdos, os conceitos são organizados em Libras, que, por tratar-se de uma língua visuogestual, pode ser comparada a um filme, cuja imagem aparece na tela compondo cenas, permitindo a exploração da simultaneidade e consecutividade dos eventos.

Assim, para favorecer a aprendizagem do aluno surdo, não basta apenas apresentar, por exemplo, os conteúdos em Libras, mas explorar os sentidos, usando a potencialidade visual que essa língua tem. Autores como Campello (2006) defendem se tratar de uma *semiótica imagética*: um novo campo de estudo que assume a visualidade como ponto de partida para a descoberta de aspectos da cultura surda, da constituição da imagem visual presentes nos surdos, os chamados “olhares surdos”, que podem ser cultivados também como recursos didáticos. Não se trata do uso de gestos ou mímica, mas de um trabalho com signos em Libras, explorando as características visuais dessa língua: uso dos braços, dos corpos, os traços visuais como expressões corporais e faciais, mãos, dedos, pés, pernas, com uma significação mais ampla, na perspectiva de uma semiótica imagética (MARTINS, 2010; CAMPELLO, 2006). Esse tipo de recurso de linguagem é comum entre pessoas surdas e precisa ser compreendido e incorporado pelas práticas pedagógicas, com o objetivo de favorecer a aprendizagem de alunos surdos.

O campo da semiótica imagética é parte da semiótica geral, ciência interessada no estudo dos signos, contudo, nesse campo, a questão visual é mais explorada. Nele se argumenta a favor da cultura do olhar, daquilo que pode ser apreendido, por exemplo, por uma fotografia ou um filme, que pode provocar reflexões sobre temas sociais, aspectos econômicos e políticos os quais se entrelaçam em um determinado período histórico. Uma imagem pode evocar a compreensão de vários elementos de um determinado tempo histórico e, nesse sentido, dizer muito, evocar significados por sua totalidade, sem a presença de qualquer texto escrito.

Uma imagem pode criar condições para reflexão de situações que são, ao mesmo tempo, capturadas da sociedade e reflexos dela, revelando exclusão social, pobreza, criatividade, solidariedade, entre tantos outros sentidos. As imagens são documentos sociais bastante explorados pela mídia televisiva e jornalística, já que as imagens impactam, manipulam, constroem julgamentos capazes de reconfigurar a opinião pública e os conceitos dos sujeitos. É nessa direção que esse conhecimento poderia ser mais bem explorado pela escola, na busca da construção de significações. Desse modo, um elemento imagético (uma maquete, um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um filme) poderia ser material útil à apresentação de um tema ou conteúdo por professores de diferentes áreas. A escolha de um elemento visual que provocasse debate, que trouxesse à tona conceitos, opiniões, e que pudesse ser aprofundado na direção dos objetivos pretendidos pelo professor favoreceria e muito a aprendizagem dos alunos em geral e dos alunos surdos em especial. A escola, com frequência, está presa ao texto didático como caminho único para apresentação de conceitos, e esse caminho tem-se mostrado pouco produtivo, quando se pensa na presença de alunos surdos em sala de aula.

## **O DESENVOLVIMENTO DIFERENTE DAS ATIVIDADES PARA DIFERENTES ALUNOS**

Os espaços das aulas de História (três aulas semanais), Português como segunda língua (seis aulas semanais) e duas aulas semanais de Libras foram utilizados para o desenvolvimento das atividades.

Para o começo dos trabalhos, optou-se pela apresentação do documentário “Lixo Extraordinário”, primeiramente em sala de aula

apenas para os alunos surdos. Essa estratégia foi escolhida pela perda que eles têm de todo o áudio do documentário e pela rapidez das legendas, que nem sempre são acompanhadas por todos os alunos. Assim, uma primeira aproximação do documentário foi realizada nas aulas de Libras, exibido primeiramente com legenda em Português e, numa segunda exibição, com o instrutor de Libras traduzindo informações importantes sobre personagens que, por vezes, não apareceram na legenda. Também foi trabalhada a narração em Libras pelos alunos surdos daquilo que eles compreenderam, com consequente ampliação lexical e uso da língua de sinais para relatar, descrever, narrar e argumentar, favorecendo a ampliação de sua fluência e domínio, além de ir introduzindo toda a temática do lixo, aterros sanitários, questões ambientais e seus desdobramentos sociais.

Na disciplina de História, a professora organizou suas atividades, de modo a preparar as turmas para assistirem ao documentário. Propôs a discussão de aspectos relativos à qualidade de vida da população, relacionando diferentes práticas de cidadania envolvidas na diversidade étnica e multiculturalista; contextualizou a realidade socioeconômica vivenciada pelos alunos em relação à realidade regional e brasileira, refletindo sobre aspectos sócio-históricos e culturais das populações, introduzindo a temática do lixo urbano, meio ambiente, sustentabilidade, entre outros.

Na disciplina de Português como segunda língua para surdos, foram desenvolvidas atividades de letramento: leitura, escrita, e re-escrita de textos; interpretação em Libras de textos em Português e relato em Libras; textos abordando estudos sobre o lixo, reflexão sobre solidariedade; ampliação de vocabulário e conceitos e uso de dicionários (Libras e Português). O fato de a temática ter sido amplamente discutida favoreceu o interesse dos alunos em buscar ler e escrever os textos propostos, ampliando seu êxito em suas tentativas de produção escrita no Português.

A curiosidade dos alunos foi crescendo e os professores agendaram uma visita ao cinema de um complexo comercial próximo à escola, para ver na “telona” o documentário “Lixo Extraordinário”. O *trailer* do documentário foi exibido para as turmas, despertando interesse em ampliar as discussões para outras temáticas. O documentário acompanha o trabalho do artista plástico brasileiro Vik Muniz, em um dos maiores aterros sanitários do mundo: o Jardim Gramacho, periferia da cidade do

Rio de Janeiro. Ele fotografa um grupo de catadores de material reciclável, com o objetivo inicial de retratá-los. Porém, o trabalho com essas pessoas/personagens revela a dignidade e o desespero que enfrentam, quando convidados a re-imaginar suas vidas fora daquele ambiente. A equipe de filmagem tem acesso a todo o processo, produzindo um documentário rico que se encerra destacando a face transformadora da arte e a singularidade de cada ser humano.

Os professores aproveitaram ainda para trabalhar conhecimentos na área do cinema, enfatizando aspectos como direção, atores, local da filmagem entre outros aspectos. Além disso, foi apresentado o trabalho de composição de outras obras de Vik Muniz, radicado em Nova York, conhecido por criar imagens com base materiais sólidos dispostos no chão e fotografados do alto. Discutiram ainda as diferenças entre filmes de ação, suspense, drama, entre outros gêneros e do gênero documentário, contextualizando melhor o filme.

O espaço do cinema foi então reservado e possibilitou uma aula coletiva, envolvendo o conjunto dos alunos. Esse local já era conhecido por vários alunos, os quais puderam mostrar sua familiaridade com o ambiente, servindo de guias para outros colegas que estavam ali pela primeira vez. Cabe destacar que muitos alunos não tinham a experiência de ir com frequência ao cinema e, menos ainda, de assistirem a um documentário. Na verdade, muitos deles, sobretudo os alunos surdos, têm acesso restrito a equipamentos de lazer/cultura e, quando têm acesso, estes não são acessíveis em Libras. É frequente que apenas em atividades educacionais tenham a oportunidade de discutir em Libras aspectos relativos a filmes, peças de teatro, circos ou qualquer outra apresentação pública. A própria ida ao cinema revela a diversidade de experiências sociais e culturais dos alunos, e favorece que a escola discuta as muitas diferenças existentes na própria comunidade escolar.

A ida ao cinema surpreendeu positivamente os professores, porque os alunos ficaram atentos e interessados no documentário. Havia uma certa apreensão, já que os alunos dessa faixa etária, em geral, assistem/preferem filmes de ação, mas o trabalho anterior, contextualizando o documentário, mostrou-se importante para que eles buscassem ampliar seu conhecimento focados no filme.

## IDENTIDADE COM O CONTEXTO DO “LIXO EXTRAORDINÁRIO”

A experiência de assistirem ao documentário criou a oportunidade para que os alunos conhecessem melhor o universo de vida daquelas pessoas. Para ganhar a vida recolhendo material reciclável descartado pela população mais abastada, elas competiam com urubus, enfrentavam mau cheiro, sujeira e outras condições bastante adversas. O que chamou a atenção dos alunos é que, mesmo nesse contexto, os catadores de lixo brincavam e faziam piadas e, ao mesmo tempo, protestavam contra as péssimas condições sociais às quais estavam expostos. Esse mesmo aspecto chamou a atenção de Vik Muniz, que, de uma proposta inicial de trabalho de composição de imagem, acaba criando um documentário.

De volta à escola, nas diversas aulas, cenas do filme são resgatadas e os alunos destacam personagens e situações, tais como: Tião pessoa/personagem catador de lixo, retratado pelo artista, que também cria seu próprio trabalho de arte, como decorrência do trabalho de Muniz. Tião torna-se capa do documentário, fotografado numa banheira em meio ao lixo. Ele vai a Londres junto com Muniz para um leilão de quadros e obras produzidas no lixão, e recebe US\$100.000,00 para a Associação de Catadores do Jardim Gramacho. Zumbi, que recolhe todos os livros que vão parar no aterro, demonstrando respeito e valorização da cultura escrita, em meio ao descarte humano. Ou, ainda, o fato de os catadores envolvidos no projeto de Muniz traçarem novos planos de vida, buscarem realizá-los, mudando suas existências e hoje não mais trabalhando no Jardim Gramacho.

A partir das cenas, os alunos trouxeram sua própria realidade econômica, a situação de trabalho de seus familiares, a realidade das cooperativas de reciclagem de lixo de sua cidade, ao lado de muitos outros aspectos de suas vivências sociais que puderam ser confrontados. Além disso, os conteúdos escolares foram trabalhados num contexto inclusivo, com debates entre alunos surdos e ouvintes, entre diferentes turmas e professores, mediados pela figura dos intérpretes de Libras, possibilitando um aprofundamento dos conteúdos e dos conhecimentos de todos.

Paralelamente a esse trabalho na escola, ocorria um programa/campanha intitulado “Limpa Brasil” – movimento de cidadania e cuidado

com o meio ambiente, cujo objetivo principal era recolher lixo descartado irregularmente nos municípios. Essa campanha nacional foi protagonizada por Tião, personagem do “Lixo Extraordinário”, que visitava escolas e discutia aspectos de reciclagem do lixo, sustentabilidade, solidariedade e ética, entre outros temas.

A escola focalizada neste artigo, ao tomar conhecimento dessa campanha, inscreveu-se no programa “Limpa Brasil” e recebeu a visita de Tião (“de verdade!”, como disseram os alunos). Para tal, os alunos mobilizaram suas famílias e comunidade em ações de coleta de lixo e organização de material reciclável.

A visita de Tião foi muito importante para o conjunto dos alunos. Ele partilhou com todos a preocupação com o meio ambiente e também contou em detalhes sua história de vida. Seu foco foi o protagonismo de cada ser humano e a possibilidade de mudanças individuais e sociais. Contudo, ele se interessou especialmente pela realidade dos alunos surdos, que ele desconhecia, pela língua de sinais, novidade para ele, de sorte que, em sua apresentação, abordou a diversidade, as dificuldades que cada grupo social enfrenta, e agradeceu muito a oportunidade de aprender.

Assim, o tema Solidariedade, assumido pela escola, foi trabalhado de uma maneira inovadora, envolvendo um conjunto de disciplinas curriculares (História, Português e Libras); assumindo a visualidade como forma privilegiada de trabalho com alunos surdos, apoiando-se então em um documentário; criando condições para uma aprendizagem adequada e consequente, além de possibilitar uma experiência amplamente inclusiva: entre alunos surdos e ouvintes, entre escola e comunidade, entre espaço escolar e bens culturais – favorecendo uma compreensão da questão da solidariedade, no campo complexo da inclusão social.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Decreto n. 5.626* de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 15 jul. 2012.

- CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). *Estudos surdos*. Petrópolis: Arara Azul, 2007. p. 100- 131. V. 2.
- FAZENDA, I. C. A. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1991.
- LACERDA, C. B. F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cadernos Cedex: educação, surdez e inclusão social*. Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.
- LEBEDEFF, T. B. A educação dos surdos na região do planalto médio riograndense: uma problematização das condições lingüísticas e de escolarização. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33. 2010, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, MG: ANPED, 2010. (GT 15).
- LIXO Extraordinário. Título Original: *Waste Land*. Diretor: Karen Harley, João Jardim e Lucy Walker. 2010. (99 min.) Documentário.
- LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. de. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas. In: \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. *Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 12-18.
- MARTINS, M. A. L. *Relação professor surdo/aluno surdo em sala de aula: análise das práticas bilíngues e suas problematizações*. 2010. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2010.
- MELETTI, S. M. F.; BUENO, J. G. S. Escolarização de alunos com deficiência: uma análise dos indicadores sociais no Brasil (1997-2006). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33. 2010, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, MG: ANPED, 2010. (GT 15).
- PROJETO Político-Pedagógico da unidade escolar da Universidade “Júlio de Mesquita Filho”. Campinas, SP, 2011.
- QUADROS, R. M.. Políticas lingüísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 26, n. 69, p. 141-161,ago. 2006.
- SILVA, A. B. P.; PEREIRA, M. C. C. O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor. *Psic.: Teor. e Pesq.*, v.19, n. 2, p.173-176, 2003.